

## Comentário do Gestor

Mais uma vez, as oscilações da política externa americana movimentaram o noticiário e trouxeram implicações relevantes para o cenário macroeconômico global. Para o Brasil, a suspensão das tarifas sob o *International Emergency Economic Powers Act* deve beneficiar a balança comercial e aliviar setores cujos produtos exportados não haviam sido contemplados por isenções até então. Para os Estados Unidos, a decisão representa uma derrota expressiva do governo Trump, que respondeu ao veredito com uma nova tarifa global de 15% que, não obstante, é temporária.

O subsequente alívio sobre os preços de importação nos EUA projetado para os meses seguintes também deve ser um fator para a discussão da política monetária do *FED*. Em linha com o mercado e com as próprias sinalizações feitas pelos membros do conselho, nosso cenário base continua sendo de cortes de juros em 2026 à medida que a inflação se aproxima da meta de 2%. Entretanto, a desaceleração mais gradual dos índices de preços — especialmente do *PCE* e de suas medidas de núcleo — aliada a sinais menos claros de arrefecimento do mercado de trabalho reduz a visibilidade sobre quando o *FED* iniciará o ciclo de cortes e quantas reduções ocorrerão até o final do ano. Ainda assim, assinalamos que parte considerável dos diretores do *FED* mantém a avaliação de que reduções são “provavelmente adequadas”, mesmo que condicionadas à análise de novas leituras nos índices macroeconômicos relevantes.

Para março, seguimos com atenção a decisão do *FOMC* no dia 18 e os choques provenientes dos novos ataques americanos e israelenses ao Irã, iniciados na madrugada do último dia de fevereiro. Com o fracasso das negociações em Genebra e sem indícios minimamente confiáveis de qual será a duração, o desfecho e o escopo total da operação, o cenário para os próximos meses é incerto e tensionado pelos efeitos do conflito para as cadeias de abastecimento energético.

No cenário doméstico, o IPCA-15 encerrou a sequência de leituras abaixo do consenso de mercado e avançou 0,84% no mês (acima das expectativas de 0,56%). Entretanto, identificamos que o resultado menos benigno não deve comprometer o início do ciclo de afrouxamento monetário já antecipado pelo Copom para março. O Boletim Focus mostra que as projeções para a Selic de fim de ano estão em queda, com mediana em 12% no último informe do mês. No mercado de corporativos, o resgate antecipado de papéis da Cosan, visando eliminar cláusulas de *cross-default* que vinculavam sua dívida com a da Raízen e, assim, isolar seu risco, foi interpretado pelo mercado com um menor compromisso da Cosan com a Raízen. Conseqüentemente, as *agências de rating* rebaixaram os ratings da Raízen em múltiplos *notches*, acentuando a percepção de risco com crédito privado, já tensionado com os casos da Ambipar e da Braskem.

Diante de nosso diagnóstico de maiores riscos associados a papéis privados locais, reduzimos a posição em *bonds* corporativos na carteira assumindo que, no momento, o mercado de ativos privados apresenta assimetrias negativas para certos nomes. Em paralelo, aumentamos a alocação do fundo em títulos soberanos brasileiros, que apresentam *spreads* atrativos quando comparados com os corporativos. Com a perspectiva de cortes tanto pelo *FED* quanto pelo Bacen, mantemos uma percepção construtiva para a curva brasileira, acreditando que ainda há espaço para o fechamento de *spreads*, movimento que buscamos capitalizar também com a aquisição de títulos na parte longa da curva. Em relação às nossas posições em LATAM Ex-Brasil, aproveitamos o que acreditamos terem sido bons pontos de saída para papéis com boa performance recente, tais como os soberanos em Bahamas. Na avaliação de riscos para a carteira, também decidimos zerar a posição de *bonds* da Ecopetrol, face ao aumento dos riscos políticos associados ao país e prognósticos menos estáveis em fundamentos fiscais e monetários.

No mercado de renda fixa internacional, o *Treasury* de 10 anos fechou 30 pontos base (pbs), indo a 3,94% no último dia 27. O *CDS* brasileiro abriu 3 pbs, fechando o mês em 133 pbs, enquanto o *CDS* mexicano ficou em 90 pbs, com uma pequena abertura de apenas 1 pb. O *spread* dos títulos americanos de alto rendimento (*US High Yield*) abriu 36 pbs, chegando ao patamar de 332 pbs. Para o câmbio, o *DXY* (*Dollar Index* - cesta de moedas contra o dólar americano) valorizou 0,64% em fevereiro, enquanto o euro fechou o mês com depreciação de 0,33% em relação ao dólar. Na América Latina, as moedas locais novamente apresentaram valorização durante o período, ainda que, em geral, a um ritmo mais contido do que em janeiro. Frente ao real, o dólar foi para BRL 5,12 – queda de 2,63% – e contra o peso mexicano ficou cotado a MXN 17,23 – queda de 1,34%.

Nos mercados de ações, os principais índices da economia americana tiveram resultados mistos: o S&P 500 caiu 0,87% e o Nasdaq, 3,38%, diante de receios com os impactos de novas ferramentas de IA nos setores de tecnologia e com possíveis disrupções no mercado nos próximos anos. Em contrapartida, o Dow Jones teve leve alta de 0,17%. Na Europa, o EuroStoxx 600 subiu 3,74%. O índice VIX continuou refletindo um contexto de alta volatilidade frente a incertezas geopolíticas cada vez mais agudas e sob os presságios de um novo conflito no Oriente Médio. A última leitura foi de 19,86, acima do registrado no final de janeiro. O ouro teve alta de 7,86% no mês. No Brasil, o Ibovespa ainda colhe frutos das robustas entradas de investimento externo no país, e avançou 4,09% para patamares logo abaixo de 189 mil pontos. A bolsa mexicana acompanhou o bom desempenho e apresentou ganho de 5,63%.

**Desempenho do fundo**

O Octante FIF CIC MM Crédito Privado teve rentabilidade de 0,83% no mês, já o Octante II FIF CIC MM Crédito Privado obteve 0,86% ante CDI de 1,00%, com as maiores contribuições positivas para performance do fundo Master ao longo do mês sendo as estratégias de *Bonds* Soberanos (1,07%) e Equivalentes de Caixa (0,23%). Nos últimos 12 meses, as cotas do Octante FIF CIC MM Crédito Privado valorizaram 16,29%, enquanto o Octante II FIF CIC MM Crédito Privado valorizou 16,73% contra um CDI de 14,56%, equivalente a 112% do CDI ou CDI + 1,51% e 115% do CDI ou CDI + 1,89%, respectivamente. A volatilidade para esse mesmo período foi de 2,38%. A estratégia está com sua *duration* consolidada em 3,97 anos e uma carteira de *bonds* com *yield* de 6,58% em dólares. As maiores posições do fundo são: Brasil (soberano), BBVA, Banorte, Usiminas e Vale.



## OBJETIVO DO FUNDO

O fundo Octante II FIF CIC CP prevê a aplicação de no mínimo 95% do seu PL nas cotas do Octante Master FIF Crédito Privado, que tem como objetivo rendimentos superiores ao CDI no longo prazo, através de investimentos em *bonds* corporativos e soberanos da América Latina, concentrado em Brasil, com proteção cambial.

## PÚBLICO ALVO

O fundo se destina a receber, exclusivamente, aplicações de investidores qualificados.

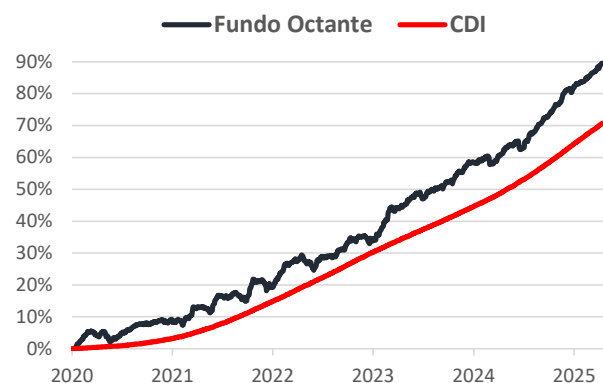
## HISTÓRICO DE RENTABILIDADE

Retornos mensais	Fundo	CDI	%CDI
Desde o início	91,22%	72,35%	126%
Últimos 12 meses	16,73%	14,56%	115%
fev-26	0,86%	1,00%	86%
jan-26	1,53%	1,16%	132%
dez-25	1,37%	1,22%	112%
nov-25	0,52%	1,05%	50%
out-25	1,03%	1,28%	80%
set-25	2,35%	1,22%	193%
ago-25	1,54%	1,16%	133%
jul-25	1,78%	1,28%	139%
jun-25	1,99%	1,10%	181%
mai-25	1,82%	1,14%	160%
abr-25	0,16%	1,06%	15%
mar-25	0,67%	0,96%	70%

## ESTATÍSTICAS DO FUNDO

% de Meses de Retorno Positivo	76,9%
% de Meses de Retorno Negativo	23,1%
Volatilidade no Mês (Anualizada)	2,44%
Volatilidade 12 Meses (Anualizada)	2,32%
Índice Sharpe 12 meses	0,94
Valor da Cota em 27 de Fevereiro de 2026	8.261,53
PL em 27 de Fevereiro de 2026	75.330.388
PL Médio (12 meses)	68.997.954
PL do Master em 27 de Fevereiro de 2026	151.346.307
Yield da Carteira de Bonds em USD	6,58%
Duration Média Consolidada	3,97 anos

## RENTABILIDADE HISTÓRICA



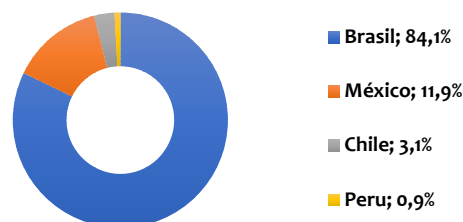
Retornos anuais	Fundo	CDI	%CDI
2026	2,41%	2,17%	111%
2025	18,23%	14,31%	127%
2024	9,29%	10,87%	85%
2023	13,78%	13,05%	106%
2022	14,88%	12,37%	120%
2021	4,76%	4,40%	108%
2020*	5,54%	0,36%	1542%

\*desde 22/10/2020

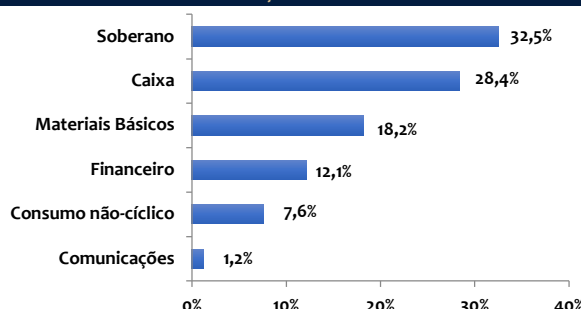
## INFORMAÇÕES GERAIS

Investimento Mínimo	R\$ 250.000,00
Movimentação Mínima	R\$ 1.000,00
Taxa de Administração	1,00% ao ano
Taxa de Performance	20% do que exceder 100% do CDI
Classificação Anbima	Multimercados Investimento no Exterior
Horário limite para aplicação	14:00 horas
Cota do Resgate	D+28 dias corridos
Pagamento do Resgate	D+2 da cotização
Banco	Itaú Unibanco (341)
Agência	8541
Conta	45546-8
CNPJ	35.727.113/0001-78
Favorecido	Octante Master FIF Crédito Privado
Gestor	Octante Gestão de Recursos Ltda
Administrador	INTRAG
Custodiante	Banco Itaú S.A.
Auditor	PWC
ISIN	BR05L4CTF000

## COMPOSIÇÃO POR PAÍS



## COMPOSIÇÃO SETORIAL



As informações contidas nesse material são de caráter exclusivamente informativo. Fundos de investimento não contam com garantia do administrador do fundo, do gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do fundo garantidor de crédito - FGC. Ao investidor é recomendada a leitura cuidadosa do regulamento do fundo de investimento ao aplicar seus recursos. A rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura e a rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. Não há garantia de que este fundo terá o tratamento tributário para fundos de longo prazo. Os fundos de crédito privado estão sujeitos a risco de perda substancial de seu patrimônio líquido em caso de eventos que acarretem o não pagamento dos ativos integrantes de sua carteira, inclusive por força de intervenção, liquidação, regime de administração temporária, falência, recuperação judicial dos emissores responsáveis pelos ativos do Fundo.